

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: UMA PEDAGOGIA ALTERNATIVA ONTEM E HOJE

Fabiana Pessoni (MIELT/UEG)¹

Marlene Barbosa de Freitas Reis (MIELT/UEG)²

Resumo: Esta pesquisa pretende apresentar uma proposta pedagógica voltada para os jovens provenientes de famílias assentadas da região da Cidade de Goiás. Baseada na pedagogia da alternância, a proposta pedagógica tem como objetivo atrelar momentos de estudo e de trabalho prático, levando em consideração a cultura e a identidade camponesas.

1. Justificativa

No ano de 2004, tivemos a oportunidade de conhecer a Escola Família Agrícola. Na ocasião, pudemos conhecer a realidade dos alunos, bem como a pedagogia na qual a escola se fundamentava e isso nos proporcionou um conhecimento diferenciado. Verificamos a presença das famílias dos alunos na escola, e elas se mostravam inseridas no processo de aprendizagem em que seus filhos se encontravam. A escolha pela escola não era em vão, pois todos se mostravam contentes com o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos.

Para que pudéssemos entender aquela realidade, era necessário questionar quem eram aqueles alunos e aquelas famílias atendidas pela escola e como este modelo de escola foi instalado naquele espaço.

O Município de Goiás possui 22 assentamentos, número expressivo de áreas rurais loteadas e distribuídas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para famílias ligadas, geralmente, ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). A maioria deles resultou das lutas contra o latifúndio, tornando-se algumas das principais referências da luta pela terra em Goiás. Nesses assentamentos predominam o trabalho com a agricultura familiar, na qual os camponeses plantam para a subsistência e para fornecer

¹ Graduada em Letras pela UEG. Especialista em Mídias na Educação pela UFG. Professora na Rede Estadual de Educação. Aluna do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – MIELT/UEG. E-mail: fabianapessoni@gmail.com

² Orientadora: Pedagoga pela UFG. Especialista em Planejamento Educacional pela Salgado de Oliveira. Mestre em Educação pela Universidade de Havana - Cuba. Doutora em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela UFRJ. Docente permanente no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologia e no curso de Pedagogia da UEG – Inhumas. E-mail: marlenebfreis@hotmail.com

produtos aos pequenos comércios urbanos. Neste contexto, as famílias assentadas vêm passando por vários problemas ligados, especialmente, à exclusão e ao esquecimento, tendo em vista que os programas governamentais priorizam as grandes fazendas que trabalham com a exportação de produtos agrícolas. Segundo Nascimento (2003, p. 3):

A agricultura familiar camponesa foi abandonada, ao longo do século XX, pelas políticas públicas do Estado. A política agrícola do Estado prioriza a agricultura capitalista patronal, baseada na monocultura exportadora que busca atender ao mercado global, marginalizando, por outro lado, a agricultura familiar camponesa destinada à subsistência e ao mercado local.

Este esquecimento a que as famílias assentadas foram relegadas também se refere à educação. As políticas públicas voltadas para a educação do campo são mínimas e segundo Nascimento (2003), destinam-se apenas a ensinar as primeiras letras. Geralmente, o que vemos são “escolinhas” rurais destinadas à alfabetização, sem nenhuma preocupação com o destino estudantil das crianças e jovens do campo.

Nesse sentido, Souza (2010) em virtude da migração para o campo, o camponês passou a vislumbrar não só uma escola no campo, mas uma escola para o campo. Todavia, afirma que embora exista um movimento pelo fortalecimento da educação no campo, ela ainda é muito precária: “É possível dizer que em muitos locais (com exceções) se faz a reprodução do modelo das escolas da cidade ou o transporte dos alunos moradores do campo para escolas urbanas” (p. 1).

Em uma tentativa de resolver a dificuldade das pessoas que vivem e estudam no campo (e aqueles que até então moravam no campo e estudavam na cidade), um grupo de pessoas ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, à Comissão Pastoral da Terra (CPT), bem como pais de jovens assentados formaram uma equipe para implantar no município de Goiás um modelo de escola que surgiu na França. Nela, há uma valorização do trabalhador rural e uma preocupação real em adequar os conteúdos ministrados às habilidades necessárias ao trabalho no campo. Neste modelo de escola, há uma pedagogia que visa intercalar teoria e prática numa lógica de alternância. Foi assim que, em 1992 foi implantada no Município de Goiás a Escola Família Agrícola de Goiás. Nela, há uma preocupação em valorizar a cultura e trabalho das famílias do campo:

As EFAs, em seus princípios, procura estimular a agricultura familiar, numa perspectiva comunitária, na busca de diversificação e de alternativas adequadas à preservação da vida e do meio ambiente e contribuir com as iniciativas dos trabalhadores na conquista de uma política agrícola

diferenciada para este setor. Além de valorizar, incentivar e promover o intercâmbio das experiências alternativas de organização, de gerenciamento da produção, do beneficiamento (agregando valores) e da comercialização. (NASCIMENTO, 2003, p. 9).

A partir dessa iniciativa, percebemos que houve uma mudança na história daqueles que se envolveram neste projeto e as crianças e jovens dos assentamentos contemplados pela Escola Família Agrícola passaram a ter uma oportunidade de educação que contemplasse suas necessidades reais: cultura, trabalho e vivência familiar campesina. Segundo Pessoa (2007) o rural não pode ser concebido apenas sob critérios geográficos, nem de economia agrícola, mas como elemento de representações de mundo, modos de ser, pensar e agir que organizam relações sociais e produtivas em contextos históricos determinados. Desse modo, a educação rural deve promovida a partir de sua realidade como perspectiva educacional, pensada pelos seus ideais e necessidades.

Nesse sentido, constatamos que a proposta da escola é adequada às necessidades dos alunos, bem como das famílias que direcionam seus filhos para esta.

Esta pesquisa pretende, portanto, investigar os motivos da diminuição do número de alunos, uma vez que a metodologia e pedagogia que fundamentam a escola são pensadas para atender as necessidades do jovem do campo. Pretendemos, a partir desse estudo, compreender se outras escolas têm sido procuradas pelos jovens provenientes dos assentamentos rurais, que modelos de escolas têm sido procuradas, que quê se baseia esta diminuição no número de alunos, se estas famílias deixaram de incentivar seus filhos na Escola Família Agrícola.

2. Problema

Tomando como pressuposto que a implantação da Escola Família Agrícola partiu de uma a iniciativa das famílias assentadas da região do município de Goiás, esta pesquisa pretende desvelar os caminhos percorridos pelos sujeitos envolvidos nesta proposta. Desse modo, pretendemos refazer a trajetória percorrida pela escola pesquisada, bem como buscar na identidade das famílias atendidas para compreender os descaminhos que estão levando à diminuição dos alunos desta escola.

Portanto, esta pesquisa pretende descobrir quais os motivos estão afastando os jovens da Escola Família Agrícola de Goiás, uma vez que a metodologia e pedagogia que fundamentam a escola são voltadas para atender as necessidades do jovem do campo?

3. Objetivo Geral

Investigar os motivos que estão levando os jovens, filhos de famílias assentadas, a se afastarem da EFAGO.

4. Questões Específicas:

- 1- Quais ações pedagógicas favorecem o entendimento do jovem acerca da agricultura familiar?
- 2- Que escolas têm sido procuradas pelos filhos de famílias assentadas?
- 3- O quê ou se as famílias de jovens assentados têm feito para incentivar a procura pela Escola Família Agrícola?

5. Objetivos Específicos

- 1- Relacionar as ações pedagógicas que favorecem o entendimento do jovem acerca da agricultura familiar.
- 2- Identificar junto às famílias que escolas têm sido procuradas pelos jovens.
- 3- Examinar quais tem sido as expectativas e encaminhamentos das famílias assentadas no sentido de incentivarem a permanência do jovem no campo.

6. Metodologia

Esta pesquisa será desenvolvida junto a uma Escola Família Agrícola localizada no município de Goiás. Pretendemos observá-la, refazendo a trajetória da escola ao longo dos 21 anos de sua existência na busca de compreender os motivos que levaram à diminuição do número de alunos.

Para isso, pretendemos realizar um estudo qualitativo, tendo em vista o contato direto e prolongado que pretendemos ter com o ambiente a ser pesquisado. A pesquisa será fundamentada a partir de teóricos que trabalham os conceitos de educação no e para o campo para que possamos confrontar as observações feitas com os conceitos já existentes acerca do tema, caracterizando a pesquisa de campo aliada à pesquisa bibliográfica.

Tendo em vista o caráter qualitativo da pesquisa, pretendemos ainda dispor da pesquisa de tipo etnográfico e estudo de caso.

De acordo com Ludke e André (1986) a etnografia “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (p. 14). Para os autores, a pesquisa etnográfica possui características específicas que pretendemos utilizar na nossa pesquisa, que são:

1. O problema é redescoberto no campo [...]
2. O pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente [...]
3. O trabalho de campo deve durar pelo menos um ano escolar [...]
4. O pesquisador deve ter tido uma experiência com outros povos de outras culturas [...]
5. A abordagem etnográfica combina vários métodos de coleta [...]
6. O relatório etnográfico apresenta uma grande quantidade de dados primários (1986, p. 14).

Desse modo, para que possamos coletar os dados necessários para descrever a trajetória de vida deste grupo no sentido de compreender os pressupostos desta pesquisa, além da observação participante na Escola Família Agrícola, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos e ex-alunos da escola, professores, gestores, famílias de alunos e ex-alunos.

Em relação ao estudo de caso, Ludke e André (1986) apontam que as características fundamentais deste tipo de pesquisa são: a) visam à descoberta; b) enfatizam a interpretação do contexto; c) buscam retratar a realidade de forma completa e profunda; d) usam uma variedade de fontes de informação; e) revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas; f) procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; g) os relatos deste tipo de pesquisa utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (p. 18-20).

7. Referencial Teórico

Alguns teóricos registraram a trajetória da educação no campo como uma maneira viabilizar reflexões acerca do assunto para contribuir para melhorias na busca por uma educação no campo que contribuísse com as necessidades das famílias rurais. É, pois, a partir desses autores que pretendemos nos pautar para a realização da pesquisa.

Em Arroyo e Fernandes (1999), encontraremos reflexões sobre a importância dos movimentos dos trabalhadores rurais na busca pela educação no campo. O autor afirma que o campo não está parado, que existe vida no campo, que há mais vida na terra que no asfalto da

cidade e que precisamos ter consciência de que onde há mais inquietação é no campo. Sendo assim, estes movimentos sociais que ocorrem no campo têm sido fundamentais para que o próprio campo estabeleça uma inquietação sobre a educação neste espaço.

Em Queiroz (2011) teremos reflexões acerca do percurso histórico da educação no campo, bem como dos caminhos que levaram os próprios trabalhadores rurais a lutarem não apenas por terra, mas também pela implantação de escolas que atendessem às necessidades destes grupos. Nesse sentido, o autor afirma:

Se por um lado a história da educação rural no Brasil foi a negação deste direito aos agricultores, por parte das ações e das políticas governamentais, constata-se, sobretudo nas três últimas décadas do século XX, toda uma movimentação e organização por parte das organizações e entidades dos agricultores, não apenas por uma educação rural, mas por uma educação no campo. Estas lutas fazem parte do conjunto de iniciativas e ações contra a concentração da terra, do poder e do saber. (QUEIROZ; 2011, p. 39)

Foi neste contexto de luta contra a concentração de terra, do poder e do saber que alguns grupos de trabalhadores rurais aliados a membros da Igreja Católica e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) iniciaram, no município de Goiás, uma discussão acerca da necessidade de criar uma escola que atendesse às prioridades das famílias de trabalhadores rurais, que deu origem à implantação da Escola Família Agrícola, baseada na pedagogia da alternância.

Assim, em Nascimento (2005) identificaremos a reconstrução dos caminhos percorridos pelas famílias dos assentamentos rurais do município de Goiás para a implantação da Escola Família Agrícola, bem como um estudo sobre a pedagogia da alternância e seus instrumentos. Sendo assim, o autor considera que a principal característica desta proposta é a alternância entre estudos direcionados no espaço escolar (localizado no campo) e espaço familiar, unindo teoria e prática. Para o autor, esta prática possibilita a formação integral do jovem em sua cultura.

Já em Pessoa (2007), encontraremos reflexões sobre ruralidades, seus espaços e histórias de como os espaços rurais vão além dos espaços geográficos. As considerações deste autor nos ajudam a pensar se a proposta da pedagogia da alternância atende às necessidades de pessoas impregnadas de saberes e culturas que são integram a identidade camponesa. Desta forma, a pedagogia da alternância e a implantação da EFA no município de Goiás e como isso contribuiu ou não na construção histórica das ruralidades locais.

8. Resultados Esperados

Esperamos que esta pesquisa contribua para identificar os motivos que estão levando os jovens, filhos de famílias assentadas, a se afastarem da Escola Família Agrícola, uma vez que a proposta pedagógica da escola está vinculada às necessidades das mesmas.

Acreditamos que esta pesquisa poderá examinar se a proposta pedagógica da pedagogia da alternância tem atingido seus objetivos no que se refere a contribuir com as famílias no aprimoramento da agricultura familiar e se isso tem sido suficiente para estes jovens.

Nesse sentido, esperamos que a pesquisa contribua para que os grupos relacionados à pedagogia da alternância reflitam sobre as ações pedagógicas e as formas como estas têm sido recebidas pelos jovens e famílias atendidas pela proposta.

9. Referências

ARROYO, Miguel Gozales; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Educação Básica e o Movimento Social no Campo**. Brasília, DF: 1999. Disponível em: <<http://educampoparaense.eform.net.br/site/media/biblioteca/pdf/Colecao%20Vol.2.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Cap. 2 e 3, p. 11-44).

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A Educação Camponesa Como Espaço de Resistência e Recriação da Cultura**: um estudo sobre as concepções e praticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____. Claudemiro Godoy do. Educação no campo e Escola Família Agrícola de Goiás: o caminhar da teimosia de um movimento social educativo. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n. 8, p.79-95, jan./abr. 2003.

PESSOA, Jadir de Moraes. Extensões do Rural e Educação. In: PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). **Educação e Ruralidades**. Goiânia: Editora da UFG, 2007.

_____. Aprender e ensinar no cotidiano de assentados rurais em Goiás. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, jan./abr. 1999.

QUEIROZ, João Batista de. A Educação do Campo no Brasil e a Construção das Escolas do Campo. **Revista Nera**, ano 14, n. 18, jan./jun. 2011, p. 37-46. Acesso em: 12 jul. 2013.

SOUZA, Francilane Eulália de. Uma Geografia Escolar para o Fortalecimento da Identidade Territorial dos Alunos Transportados do Campo para a Cidade no Município de Goiás. **XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, 2010.